



## **CULTURA, RELIGIÃO, HISTÓRIA E SOCIEDADE: REFLEXÕES A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO “PIERRE FATUMBI VERGER: MENSAGEIRO ENTRE DOIS MUNDOS”**

CULTURE, RELIGION, HISTORY AND SOCIETY: REFLECTIONS FROM THE DOCUMENTARY  
"PIERRE FATUMBI Verger: MESSENGER BETWEEN TWO WORLDS"

José Domingos Angelo Santos

Evandro Carvalho de Jesus

### **Resumo**

Esse artigo tem como objetivo trabalhar os aspectos multiculturais e religiosos presentes no documentário “Pierre Fatumbi Verger: mensageiro entre dois mundos” (1998). Através de uma pesquisa bibliográfica, o texto analisa os deslocamentos territoriais realizados por Verger ao longo de sua vida, ao mesmo tempo em que demonstra como a sua documentação fotográfica constitui instrumental de reescrituração do real, para ressignificação das questões das africanidades, ligadas à cultura, memória, sociedade e religião de um povo, em particular, o da Bahia. O lócus epistêmico constitui-se de autores que tratam das questões apresentadas, de acordo com a relevância (BASTIDE, 1971; DERRIDA, 2009; HALL, 2011; STAROBINSKI, 2001). O artigo conclui como somos assujeitados constantemente pelas ideologias que nos cercam, chamando atenção para as multiplicidades de pensar, ser, compreender e significar o mundo, sem desrespeitar o lugar do outro e sem desmerecer os lugares que ocupamos. Esse trabalho conta com o apoio da CAPES.

**Palavras-chave:** Africanidades. Fotografia. Multiculturalismo e religiosidades.

### **Abstract**

This article aims to work multicultural and religious aspects present in the documentary "Fatumbi Pierre Verger: messenger between two worlds" (1998). Through a bibliographic search, the text analyzes the territorial movements realized by Verger throughout his life, while demonstrating how their photographic documentation constitutes the instrumental new bookkeeping for the reality, to reframe the issues of Africanities, related to culture, memory, society and religion of a people, in particular Bahia. The epistemic locus consists of authors that treat the issues presented according to its relevance (Bastide, 1971; Derrida, 2009; HALL, 2011; Starobinski, 2001). The article concludes the idea of how we are constantly devoid of wills by the ideologies that surround us, paying attention to the multiplicities of thinking; being; understanding and meaning the world, without disrespecting the other's place and without debunk the places that we occupy. This work is supported by CAPES.

**Keywords:** Africanities. Photography. Multiculturalism and religiosities.

## Considerações Iniciais

O que é mesmo a identidade? Quem somos? E a nossa religião, nossas crenças, as temos por coação social ou escolhemos? Será que a nossa localização, lugar de nascimentos, país de origem define quem somos? Como somos? Talvez não.

Esse trabalho é parte de um percurso mais amplo que busca considerar aspectos culturais e religiosos, a partir do documentário “Pierre Fatumbi Verger: mensageiro entre dois mundos”. O trabalho possui duas seções: uma primeira, que busca situar o leitor acerca de conhecimentos elementares sobre, de fato, quem é Verger, uma vez que ele é um intelectual que nem todos conhecem. Essa primeira seção possui caráter histórico, de contextualização.

A segunda seção discute as implicaturas dos deslocamentos territoriais realizados por Verger, mostrando, também, como as fotografias que ele produzia podem ser vistas como formas de escrituração<sup>1</sup> de realidade, uma vez que instauram sentidos, demarcam posições, sobrepõem e deslocam identidades. O texto traz considerações sobre aspectos ligados às religiões afro-brasileiras, com destaque para o candomblé, religião para a qual Verger foi iniciado, tornando-se adepto, um gesto claro de defronte a toda uma série de arquétipos.

O instrumental do trabalho é bibliográfico. Nesse sentido, discutimos à luz de Derrida, em *A escritura e a diferença* (2009), Stuart Hall, que nos fornece subsídios para pensarmos questões ligadas à cultura e a identidade; Jean Starobinski, em *As máscaras da civilização* (2001), e Roger Bastide, com *As religiões africanas no Brasil* (1971), além de outros autores, de acordo com a pertinência a temática.

## Pierre Verger e a hibridização de identidades

Pierre Edouard Leopold Verger, nascido em Paris, a 4 de novembro de 1902, falecido em Salvador, a 11 de fevereiro de 1996, foi um fotógrafo e etnólogo autodidata franco-brasileiro. Membro de uma família abastada, filho do proprietário de uma próspera empresa tipográfica. Sem interesse pelos negócios e pelo modo de vida burguês, Verger se torna um jovem rebelde. Não se amolda às convenções sociais nem cumpre as expectativas

---

<sup>1</sup> DERRIDA, Jean Jacques. *A escritura e a diferença*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 18-20.

de sua classe social. Abandona o liceu com 17 anos e rejeita sistematicamente as oportunidades profissionais oferecidas pela família.

Aprende a fotografar com Pierre Boucher (1908-2000), em 1932, quando adquire sua primeira. Rolleiflex percorre diversos países e colabora com jornais e revistas europeus e americanos, como Paris-Soir, em 1934; Daily Mirror, de 1935 a 1936; Life, em 1937; Match, em 1938; Argentina Libre e Mundo Argentino, em 1941 e 1942; e O Cruzeiro, de 1945 até fins dos anos de 1950. Em 1934 funda, com outros, a Alliance Photo, agência fotográfica que administra e divulga o material produzido pelos seus membros. Muda-se para Salvador, em 1946, e se dedica ao estudo da religião e cultura negra da África e do Brasil – tema do qual é um dos mais respeitados especialistas e autor de diversos livros sobre o assunto.

Torna-se um iniciado<sup>2</sup> no culto de divinação no Benim, com o insigne título de “Fatumbi” (renascido na graça de Ifá). A primeira fase de sua obra é representada pela publicação dos livros de fotografia, a partir de 1931, retratando as diversas culturas que conhece em suas viagens. Após 1946, concentra seu estudo na cultura iorubá e passa a fixar suas observações por escrito, passando de fotógrafo a escritor e etnólogo. Em 1966, obtém o título de doutor de terceiro grau da Sorbonne (Paris, França), com tese sobre o tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e Bahia nos séculos XVII ao XIX. Em 1974, integra o corpo docente da Universidade Federal da Bahia – UFBA e atua na criação do Museu Afro-Brasileiro, inaugurado em 1982. Desde 1989, a Fundação Pierre Verger conserva seus 62 mil negativos, sua vasta biblioteca, seu arquivo pessoal e se encarrega da difusão de seu legado antropológico e fotográfico.

### **Trasmutação de realidades: história, memória, religião, africanidades... tudo junto e misturado**

Conforme discutimos anteriormente, o documentário em questão tem como destaque o fotógrafo francês Pierre Verger e tem como base o relato, que é descrito pelo cantor Gilberto Gil, que narra a trajetória do francês, em um trânsito que foi do Benin até a Bahia, começando com seu desembarque na Bahia, a 05 de outubro de 1946, à bordo de um velho navio movido a vapor chamado comandante capela, muito velho e vagaroso, que fazia sua última viagem.

---

<sup>2</sup> LIMA, Vivaldo da Costa. Capítulo segundo. In: *A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo das relações intragrupais*. Salvador: Corrupio, 2003, p. 64.

Uma noção fundamental para compreender a ideia que introduzimos diz respeito à noção de história. E quando falamos em história, estamos nos referindo não à ciência que trata da descrição e estudo dos fatos, mas sim aos próprios fatos ou à realidade deles (*res gestae*)<sup>3</sup>. Uma história cujo princípio da individualidade ou unicidade, em virtude da qual o fato histórico se apresenta como algo único e não repetível, interessa à compreensão das realidades e temporalidades através do dialogismo estabelecido entre elas, ou seja, de um passado que toca em questões que nos dizem respeito no presente e, claro, de um presente que é fruto desse passado<sup>4</sup>.

O documentário tem como objetivo mostrar não só a história de um francês, na Bahia, na África, em trânsito, no relato de Gil, mais sim de um estrangeiro, um europeu que foi seduzido pelo candomblé da Bahia, saindo pelo mundo por conta de sua paixão pela fotografia, sendo de fundamental importância, pois foi o intermediário para sua descoberta de mundos. Gilberto Gil narra esse deslocamento de Verger e traça seu percurso, tendo em vista que Verger já tinha corrido o mundo, viajado outros lugares, como China, Equador, Estados Unidos, Bolívia, dentre outros, de modo que Verger vem para uma terra considerada “estranha”, na qual ele passa a ser o estrangeiro do outro e ser constituído, por isso, na diferença<sup>5</sup>.

O documentário mostra a preocupação de um homem que soube agregar à sua formação os valores da cultura e religião afro-brasileiras, passando por um processo não de desconstrução de sua identidade, mas sim de uma remodelação dessa identidade, uma vez que aceitar a diferença e pensar o eu a partir do outro, considerando as diferenças como fator positivo, é algo novo, e uma necessidade sempre emergente, nas diversas sociedades, uma vez que

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” e fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” [...]. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, devemos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto pela plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de

<sup>3</sup> ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 6ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 583-586.

<sup>4</sup> STAROBINSKI, 2001, p. 20.

<sup>5</sup> DERRIDA, 2009, p. 36-38.

nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*<sup>6</sup>.

Mesmo sem ser historiador, ao longo de seus estudos, Verger ajuda a fazer uma descrição detalhada do africano no Brasil, elencando suas tradições e práticas, resgatando uma ideia de ancestralidade e de identidade. De acordo com o autor, não se aprende candomblé na academia, este não é passado pelos livros, mas sim pela experiência<sup>7</sup>.

É importante destacar que, como Verger foi arrebatado pela cultura africana que influenciou sua vida, esse mesmo fenômeno ocorreu com Gisselle Grossard, uma antropóloga, também francesa, que fez um percurso semelhante e acabou no seio do candomblé. E isso permite pensar a questão do profissional, da identidade e da paixão, uma vez que eles fazem o que gostam, mas destoam do que se convencionou esperar de alguém, dos estereótipos construídos em torno do “francês”. Exemplo disso são as conotações de “racionalistas”, uma referência de Verger a esse arquétipo construído em torno do francês, padrões de comportamento e nacionalismos<sup>8</sup>, o que, para ele, se mostra como uma “estupidez, à medida que impede as pessoas de serem elas mesmas”.

O documentário esclarece mais acerca desse universo do candomblé e minimiza o preconceito que se criou em relação dessa vertente religiosa em seu percurso histórico. Ele mostra como os seguidores de tal vertente foram historicamente sendo obrigados a reinventar-se em um processo de reconstrução, no qual a tradição é sempre inventada<sup>9</sup>. Nesse sentido, mostra que pensar esses elementos é pensar questões ligadas à nossa identidade refletindo a verdadeira religião afro-brasileira e não uma religião apenas de pessoas negras e pobres, para que aquele indivíduo que foi arrancado de sua terra tivesse como cultivar suas divindades sem sanções de uma sociedade impositiva<sup>10</sup> e majoritária de uma religião dominante, controladora dos costumes e práticas religiosas<sup>11</sup>.

Ao decorrer da história, esses povos foram perseguidos em virtude de suas práticas ditas “estranhas”, mas que não aceita o diferente lutando para manter suas heranças e

---

<sup>6</sup> HALL, 2011, p. 39.

<sup>7</sup> POPPER, Karl. Colocação de alguns problemas fundamentais. In: *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 1993. Parte I, Cap. I, p. 30.

<sup>8</sup> HALL, 2011, p. 58.

<sup>9</sup> BASTIDE, 1971, p. 32.

<sup>10</sup> JÚNIOR, Hédio Silva. Notas sobre sistema jurídico e intolerância religiosa. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.) *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2007. p. 302-323.

<sup>11</sup> BASTIDE, 1971, p. 165.

legados culturais de sua religião ancestral, seja no simbolismo de suas práticas, dança (como expressão corporal, como meio de alcançar a divindade), música e artesanato. Passando pelos diversos momentos funcionais e os arquétipos criados em torno dos orixás. Isso veio a constituir o fenômeno da diáspora africana, segundo nos mostra o documentário.

E é através dessa diáspora africana que vamos tentar compreender esse arcabouço de diversidade cultural que os povos africanos trouxeram consigo um legado de cultos e de deuses. Nesta, a tradição é sempre inventada e reinterpretada, carregada do sentimento de identidade e união apoiada na tradição oral, com forte vinculação à ancestralidade vinculada à família, embora exista um conflito entre uma sabedoria mais oral apoiada na tradição e outra mais contemporânea apoiada no livro. E esses são pontos centrais para discutir a questão da família e da ancestralidade nessas vertentes religiosas.

O documentário traz à tona o entendimento dessa memória coletiva de uma identidade cultural oprimida e perseguida resistindo em meio a esse contexto histórico como resultado de um processo. Ele também mostra a gênese do candomblé como a própria formação de uma espécie de instituição social, na qual os limites hierárquicos não sobrepujam a individualidade e a liberdades dos indivíduos.

Instituição amplificada para comunidade que tenta resistir através dos diversos empréstimos e reinterpretações desses manifestos com o intuito de fortalecer cada vez mais os laços culturais e efetivos dessa cultura. Ressignifica as crenças e rituais, mas sempre com respeito à diversidade abordando diversas variáveis culturais como também econômicas e políticas direcionadas principalmente ao culto de sua ancestralidade, em um sentido de comunidade materializado no aspecto de família, visando uma continuidade histórica da própria religião, com o intuito de frear uma fragilização das suas tradições. Isso impede a sua extinção ou a perda dos valores centrais da crença, como se diz, a perda da identidade. Nesse sentido,

Do ponto de vista da organização social, o candomblé deve ser considerado como um grupo baseado na livre participação que, por sua vez, é significativamente influenciada pelo parentesco e pela origem tribal africana. Funciona como instrumento de ajuste e controle social e, do ponto de vista econômico, opera como um meio de promover a ajuda mútua. Sua estrutura é hierárquica, com limites de autoridade e responsabilidade bem definidos. O princípio de senioridade desempenha um papel importante e, por vezes, limitador para determinar a posição do indivíduo no grupo. Embora nunca aplicado com rigor, este princípio atua como instrumento de manutenção da estrutura corporativa, como um fim para alcançar as metas religiosas estabelecidas e objetivos sociais e econômicos espelhados pela organização do culto e o modelo de comportamento dos seus

membros. O controle social é obtido através da manipulação das sanções sobrenaturais por aqueles que são investidos de autoridade. A identificação dos membros com o grupo e suas atividades é internalizada para que se torne o mecanismo principal de ajuste individual, provendo a sensação de segurança psicológica e os meios de ascensão social, fins econômicos e de status<sup>12</sup>.

Esses sentidos nos permitem pensar também como o documentário opera com as questões das possibilidades da atividade de descrição; de como aponta para diversas direções tendo como lugar central fatos, aparentemente desconexos, mas que nos permitem pensar questões próprias da atividade documental<sup>13</sup>, juntamente com outras áreas do conhecimento, com ênfase para a constituição familiar e da coexistência em comunidade, bem como da articulação entre modernidade e tradição<sup>14</sup>.

Nesse sentido, destacamos a não transparência de sentidos no documentário, mas sim de uma abertura à diversidade de sentidos, construídos a partir da tradução de pensamentos por via da linguagem, uma vez que “o pensamento é uma forma particular do real e, como tal, é parte integrante do movimento objetivo e necessário das determinações de desigualdade-contradição-subordinação que constituem o real como processo sem sujeito<sup>15</sup>”. Os sujeitos estão sempre em constante modificações, re-escrituras<sup>16</sup>.

Nesse sentido, ele nos mostra como somos assujeitados constantemente pelas ideologias que nos cercam, chamando atenção para as multiplicidades de pensar, ser, compreender e significar o mundo, sem desrespeitar o lugar do outro e sem desmerecer os lugares que ocupamos, um princípio ético visível nas falas dos antropólogos e dos próprios integrantes do candomblé, constituindo uma opinião menos conflituosa entre a ciência e a fé, conforme vemos no documentário.

Identidade essa construída no amálgama de suas manifestações coletivas solidárias de união e harmonia com o meio e os indivíduos, sendo a terra seu alicerce mais valioso, englobando a natureza num sentido universal onde se concentram suas práticas, englobando tradição, crença, o culto e cultura, tornando-se uma religião de comunidade em

<sup>12</sup> HERSKOVITS, 1966, p. 229 apud LIMA, Vivaldo da Costa. Capítulo segundo. In: *A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo das relações intragrupoais*. Salvador: Corrupio, 2003, p. 57.

<sup>13</sup> SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23ª Ed. rev. E atual. 7ª reimpressão. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2012, p. 44.

<sup>14</sup> BACON, Francis. Prefácio do autor. In: *Novum Organum, ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. Nova Atlântida, tradução e notas de José Aluysio Reis de Andrade. 4. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

<sup>15</sup> PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998, p. 234.

<sup>16</sup> DERRIDA, 2009, p. 15.

um sentido de família, vivendo com a diferença e com as tensões, resgatando sua identidade há muito perseguida e alimentada por um estereótipo das classes ditas superiores e dominantes de um mundo contemporâneo. Preconceitos esses muitas vezes embasados em discursos científicos, travestidos da linguagem acadêmica e do aparato alienatório da grande mídia.

É possível perceber o fortalecimento dessas ações através de ideias compartilhadas mostrando que dividir muitas vezes não é sinônimo de enfraquecer e isso é percebível na divisão das tarefas que ao mesmo tempo fortalece o grupo e suas relações de solidariedade mútua através das quais uns aprendem com os outros: os mais jovens com os mais velhos, as gerações se ensinam, fortalecendo-se mais e tornando-se um fator multiplicador, constitutivo de verdadeiras trocas.

Nessas trocas, onde a reprodução dos atos de aprendizagem é realizado por imitação, a oralidade na transmissão de conhecimentos é constante na relação entre os mais velhos e os mais jovens, tornando-se um ponto forte de ação. É importante destacar que há uma compreensão das medidas dos valores implícitos na formação dos mais jovens, seja com sua autoestima – apoio moral, aconselhamentos, etc., seja em sua forma de contribuição à comunidade que faz parte, onde todos participam do processo de manutenção de sua comunidade em sua forma ativa e com que se organiza comunidade<sup>17</sup>.

Nesse sentido, garante-se a preservação dos valores próprios, sem que seja necessário negar os valores dos demais grupos, assim apontando para um horizonte de necessidade da comunidade em reconhecer a fala não apenas como um simples instrumento ou meio de comunicação, mas uma identidade real que gera a narrativa e as tradições orais, degradadas pela imposição da escrita, essa tradição oral é o meio de comunicação e de aprendizado e preservação da sabedoria dos ancestrais. Nesse sentido, o *candomblé*, enquanto religião

[...] é, ao mesmo tempo, o produto da comunhão e a expressão própria em que se manifesta esse sentimento de comunhão, a saber, a distinção entre dois mundos: o “profano” da consciência individual e o “sagrado” da consciência coletiva, exterior e superior às consciências individuais<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> BASTIDE, 1971, p. 87.

<sup>18</sup> BASTIDE, 1971, p. 18.



Partindo desse componente de comunidade e de família no meio do candomblé, o documentário permite fazer uma abertura de diálogo entre seus membros com a comunidade criando uma aproximação, mais ativa e presente na vida de seus membros, tanto no sentido da tradição, como em sua preservação pelos seus membros e a partir desse intermédio de seus sucessores, que irão perpetuar sua cultura e tradição e práticas em uma linha histórica e cultural de desventuras e imposições pelas classes superiores num sentido de dominação pelo mais forte. O documentário nos traz vários cenários desse percurso do africano desde sua retirada de sua terra até chegada ao Brasil, como escravo oprimido e humilhado, transformado em um produto comercial desprovido de seus direitos e de praticar sua cultura<sup>19</sup>.

O documentário mostra como, no candomblé, o sentido de comunidade remete à família e à tradição. Uma tradição que busca mesclar as origens históricas que levaram à sobrevivência do candomblé, mas sem desconsiderar as modificações que ele precisou e precisa passar para sobreviver em meio às realidades sociais em que foi inserido. Uma religião de família, de comunidade, na qual os indivíduos formam o todo, mas, isso não bloqueia a faculdade dos seus membros de trilharem seus próprios caminhos, sem esquecer, é claro, a memória, as origens de seu povo e de sua religião e que isso não venha a ocasionar ódio nem desavenças, mas sim lhes dar a oportunidade de escrever novas histórias e re-significarem as já existentes. Numa visão baconiana, modernidade e tradição coexistindo, mutuamente, num processo contínuo e necessário<sup>20</sup>. Isso porque “apesar das condições adversas da escravidão, misturando as etnias, fragmentando as estruturas sociais nativas, impondo aos negros novo ritmo de trabalho e novas condições de vida, as religiões transportadas do ouro lado do Atlântico não estão mortas<sup>21</sup>”.

Quando defendemos a ideia das fotografias enquanto processo de escritura<sup>22</sup>, estamos nos referindo ao fato delas cumprirem papéis de representação e reflexão. Representação no sentido de que as fotografias, enquanto imagens acabam por significar determinados aspectos da realidade social, mesmo quando aqueles não estão presentes, ou

---

<sup>19</sup> BASTIDE, 1971, p. 29-30.

<sup>20</sup> BACON, 1988, p. 7.

<sup>21</sup> BASTIDE, 1971, p. 85.

<sup>22</sup> DERRIDA, 2009, p. 180-181.

seja, uma significação pela ausência. Uma ausência que é alcançada pela fotografia, enquanto imagem, fato documentado<sup>23</sup>.

Um exemplo disso e, em certo sentido, uma curiosidade, é o fato de Verger ter fotografado cenas de rituais e cultos do candomblé – na Bahia, no Benin e na Nigéria, entre outros lugares – que até então não haviam sido realizados. Esses materiais acabaram por consolidar um vasto corpus para pesquisas futuras. O curioso é que Verger não utilizava muita sofisticação em suas fotografias, uma vez que para ele “a beleza estava no fato em si, e não nos artefatos tecnológicos que o documentam”, ao passo que elas constituem certo efeito de real nos leitores, uma vez que representações históricas são significadas, escritas, documentadas, e seus sentidos apreendidos pelos leitores através dos processos de leitura<sup>24</sup>.

Os discursos estão em funcionamento, movimentando posições, aproximando antagonismos e representações díspares da vida e do mundo real. Discursos que constituem a máquina no mundo: na representação das coisas e na constituição dos sujeitos.

Fazendo uma analogia à linguagem, os falantes se enquadram em uma categoria linguístico-enunciativa, figura politicamente constituída, e que habita diferentes espaços na vida social, na disputa com outros falantes, por meio dos acontecimentos enunciativos e por via dos diversos papéis – ou funções – que assume. Essa questão da livre circulação exemplifica as implicações dessas relações, e mostra o quanto é problemático a relação de pertencimento de um indivíduo enquanto falante de uma dada língua, atravessado pela discursividade homogeneizadora do político-enunciativo, o que também diz respeito ao trato das questões de estudo e ensino<sup>25</sup>.

Essas questões aparecem no documentário. Seja na fala de Gil, das pessoas entrevistadas, ou do próprio Verger. Elas evidenciam, de um modo geral, possibilidades de resignificação das questões ligadas às africanidades, através de processos de transmutação de realidades históricas. Isso à medida que o estudo sistemático, aprofundado acerca das religiosidades afro-brasileiras ajuda a entendermos a metáfora do título do documentário: “mensageiro entre dois mundos”. Verger como aquele que faz o trânsito entre o Brasil e

---

<sup>23</sup> SEVERINO, 2012, p. 43.

<sup>24</sup> BARTHES, Roland. Efeito de real. In: BARTHES, Roland (et al). *Literatura e semiologia*. Petropólis: Vozes, 1974. (p. 35-44).

<sup>25</sup> GUIMARÃES, Eduardo. Enunciação e acontecimento. In: *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes, 2002, p. 18-19.

África, deslocando-se cultural e historicamente, quebrando paradigmas de deslocamento identidades, documentando, fazendo pesquisas, produzindo sentidos. Exemplo disso é um de seus livros, *Fluxo e refluxo*, que hoje se tornou referência quando se estuda as africanidades.

Africanidades, aqui, deve ser compreendida em sentido amplo, como o conjunto de aspectos ligados aos povos de origem afro. Sejam eles aspectos culturais, políticos, religiosos, embora eles não estejam dissociados<sup>26</sup>. Africanidades que ultrapassaram as fronteiras de espaço-tempo, resistiram a escravidão, da colonização – no caso da África, aos preconceitos e que, em pleno século XX, Verger nos chama atenção à necessidade de abriremos nossos olhos para o atravessamento constante que estamos submetidos aos processos de hibridização<sup>27</sup> de culturas, de mistura e fragmentação de identidades. Tomar consciência dessas e de outras questões ajuda a reescrever não somente a história dos povos e religiosidades afro-brasileiras, mas também, e sobretudo, a nos projetarmos enquanto sujeitos em um contexto de mundo globalizado, onde questões ligadas à diversidade, tolerância, e respeito ainda se mostram como utopias a serem realizadas.

### Considerações Finais

De um modo geral, o documentário não objetiva produzir um fechamento em relação ao que diz, mas sim problematizar para que as questões e reflexões colocadas, para que elas não sejam tomadas como verdades universais, prontas, acabadas, mas sim de fornecer, a partir de recortes e traduções – a linguagem científica é uma tradução de uma experiência, através de uma linguagem, e regada por princípios próprios – aquilo que Verger observou e que, segundo pensamos, fornece subsídios para pensarmos os atravessamentos discursivo-ideológicos aos quais somos submetidos todo o tempo, conscientemente ou não.

De maneira conclusiva, o trabalho aponta que as questões ligadas à identidade devem ser vistas sempre a partir de descentramento de sujeitos<sup>28</sup>, as verdades jamais como absolutas e que o indivíduo pode sim se abrir ao outro, à diferença<sup>29</sup>, como processo

---

<sup>26</sup> BASTIDE, 1971, p. 198-200.

<sup>27</sup> HALL, 2011, p. 91.

<sup>28</sup> HALL 2011, p. 23.

<sup>29</sup> DERRIDA, 2009, p. 11-13. A ideia da diferença como elemento na constituição dos sujeitos é central no pensamento derridiano.

inerente à sua própria constituição enquanto sujeito. O documentário também nos ajuda a pensarmos questões ligadas às africanidades, desconstrução de arquétipos, a ampliarmos nossos leques de experiências e conhecimentos, assim como também se revela um material significativo a ser trabalhado, seja nas aulas de Ensino Religioso, seja pelos pesquisadores das ciências da religião e áreas afins. Essas discussões podem, nesse sentido, contribuir para a formação dos profissionais e estudiosos da área.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 6ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BACON, Francis. Prefácio do autor. In: *Novum Organum, ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. Nova Atlântida, tradução e notas de José Aluysio Reis de Andrade. 4. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 5-9.

BARTHES, Roland. Efeito de real. In: BARTHES, Roland (et al). *Literatura e semiologia*. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 35-44.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuições a uma sociologia das interpretações de civilizações*. Primeiro Volume. São Paulo: livraria Pioneira, EDUSP, 1971.

DERRIDA, Jean Jacques. *A escritura e a diferença*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GUIMARÃES, E. Enunciação e acontecimento. In: *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes, 2002, p. 18-19.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11 ed. e reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011, p. 23.

JÚNIOR, Hédio Silva. Notas sobre sistema jurídico e intolerância religiosa. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.) *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2007. p. 302-323.

LIMA, Vivaldo da Costa. Capítulo segundo. In: *A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo das relações intragrupo*. Salvador: Corrupio, 2003. p. 53-104.

NATIVIDADE, Marcello E OLIVEIRA, Leandro de. Religião e intolerância à homossexualidade. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.) *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2007. p. 261-299.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

POPPER, Karl. Colocação de alguns problemas fundamentais. In: *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 1993. Parte I, Cap. I, p. 27-50.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23ª Ed. rev. E atual. 7ª reimpressão. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2012.

STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.